REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 35 — ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X 25
DOI 10.5418/ra2022.v18i35.15174

O paradigma da ciência moderna e o diálogo entre Geografia, Arte e Literatura

El paradigma de la ciencia moderna y el diálogo entre Geografía, Arte y Literatura

The paradigm of modern science and the dialogue between Geography, Art and Literature

Mariane Motta Ferreirinha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP)
marianemotta23@yahoo.com.br

RESUMO

O existir humano é movido pelo impulso criador. O desejo e necessidade de inventar e produzir, desde textos acadêmicos até as artes atravessa nossa existência. Embora este impulso seja comum, os caminhos teóricos e metodológicos da constituição das artes - dentre elas a Literatura - e da Geografia são antagônicos, uma vez que cada um desses discursos se propõe a finalidades distintas. Desde o princípio da constituição da Geografia como ciência, recebemos a contribuição das artes a fim de representar o mundo e as paisagens, no entanto, sob moldes positivistas, tal aproximação tornou-se um desafio. Neste trabalho apresentaremos como o paradigma da ciência moderna dificultou a relação entre Geografia e Literatura, bem como as possibilidades e tensões enfrentadas nesta abordagem. Por fim discorreremos sobre o desenvolvimento de uma relação dialógica entre Geografia e Literatura, tomando a segunda como um sujeito que tem algo a dizer à Geografia.
Palavras-chave: Geografia; Literatura; Paradigma da ciência moderna

RESUMEN

La existencia humana está impulsada por el deseo creativo, la necesidad de inventar y producir desde textos académicos hasta las artes a través de nuestras existencias. Aunque este impulso es común, los caminos teóricos y metodológicos de la constitución de las artes, entre ellas la Literatura, y la geografía son antagónicos, ya que cada uno de estos discursos buscar propósitos distintos. Desde el inicio de la constitución de la Geografía como ciencia recibimos el aporte de las artes para representar el mundo y los paisajes, sin embargo, bajo moldes positivistas tal aproximación se ha convertido en un desafío. En este trabajo presentaremos como el paradigma de la ciencia moderna dificultó la relación entre Geografía y Literatura, las posibilidades y tensiones enfrentadas en este enfoque. Finalmente, discutiremos el desarrollo de una relación dialógica entre geografía y Literatura, tomando al segundo como un sujeto que tiene algo que decir a la geografía.
Palabras-clave: Geografía; Literatura; paradigma de la ciencia moderna

ABSTRACT

The human being's existence had been drive-by creative impulses. The desire and necessity to invent and produce from academic texts to the arts cross our existence. Although this impulse looks normal, the theoretical and methodological paths of the constitution of the art, like Literature and Geography, are antagonistic, whereas each discourse has different purposes. Since the constitution's beginning's Geography as a science, we have received the contribution of the arts to represent the world and landscapes - however, under positivist molds, such an approach has become a challenge. In this paper, we're going to show how a science's modern paradigm made the relationship between Geography and Literature hard and how the possibilities, and tensions, faced in this kind of approach either. Finally, we will discuss the development of a dialogical relationship between Geography and Literature, taking the second one as a subject that has something to say to Geography.
Keywords: Geography; Literature; modern science paradigm

Introdução

> Um velho sonho volta e meia invade e incendeia minha imaginação de geógrafo: ver pelos olhos da arte o mundo que veem os olhos da geografia, e vice-versa, numa troca recíproca de linguagem de espaço. Fundir num só olhar os olhares imagéticos das ciências sociais, das artes (literatura, pintura, cinema, arquitetura) com os da geografia: veres espaciais. (MOREIRA, 2008, p.152)

Ruy Moreira expressa um desejo que também permeia nosso imaginário, enxergando a potência que a interlocução entre as artes e a Geografia podem promover na leitura geográfica de mundo. Buscamos neste trabalho desenvolver nossos esforços teóricos na construção dessa aproximação. Inicialmente entendemos que ciência e arte nascem de um mesmo impulso humano: a necessidade de criar.

O existir humano é permeado pelo sentimento de incompletude, a falta promove a busca, esta conduz a um impulso criador. Criar é parte fundamental da vida e confere a ela sentido, portanto criamos sobre a materialidade do mundo e imprimimos nesta nossa marca ao passo que somos também atravessados por ela. Movidos pela imaginação, pelo sonho e pelo impulso criador, pintamos quadros, rabiscamos poesias, dedilhamos um violão e escrevemos textos científicos.

Ciência e arte nascem plasmadas nesse impulso criador e na capacidade imagética que cada ser possui de inventar. "Tudo que não invento é falso" (BARROS, 1996, p. 67), tudo que existe, só existe porque é inventado, criado, atribuído significado; a ciência é uma invenção e só existe graças à capacidade criadora dos homens, todavia as finalidades e os caminhos que cada uma delas – ciência e arte- trilha são antagônicos. A ciência moderna, inicialmente, pisa firme no solo duro do paradigma positivista, fazendo levantar no ar a poeira de um saber que tem linguagem árida; já a arte, por sua vez, mais livre e despretensiosa, percorre um caminho de solo gramado e florido, onde dança, deita e rola neste chão cálido sem precisar explicar porque o faz.

Tais antagonismos dificultam a aproximação dos discursos e é sobre essas dificuldades e possibilidades de interlocução que nos debruçaremos neste trabalho. Na primeira seção intitulada "sobre o paradigma da ciência moderna: impactos na relação entre Geografia e Arte", buscaremos desenvolver o debate sobre como tal paradigma influi diretamente na produção da ciência, adotando moldes de rigor, que tornam tão complexa a aproximação entre ciência e arte. Nela discorreremos sobre a forma pela qual o paradigma da ciência moderna se desdobra para a Geografia como ciência, promovendo análises quantitativas e produzindo um saber carente no que diz respeito à leitura dos sujeitos.

Na segunda seção intitulada "Geografia e Literatura: tensões e aproximações" apresentaremos a importância da aproximação entre Geografia e Literatura, as possibilidades e dificuldades enfrentadas nessa relação. Discutiremos sobre os limites e as potencialidades dos discursos literário e geográfico, bem como a questão do Realismo na Literatura e o tratamento que os geógrafos podem dar ao texto literário.

Por fim, na terceira seção deste trabalho intitulada "O dialogismo entre Geografia e Literatura" discorreremos sobre a potência que a aproximação dos discursos pode promover, bem como as possibilidades de interlocução destas áreas, através de um método dialógico que conceba a Literatura como um sujeito que tem algo a dizer à Geografia.

Sobre o paradigma da ciência moderna: impactos na relação entre Geografia e a Arte.

O que se define como padrão e formato do fazer científico vai sendo desenvolvido ao longo do tempo, especialmente a partir da modernidade. Diversas transformações no campo científico já vinham sendo desenvolvidas ao longo do século XVIII, como, por exemplo, os avanços nas ciências da natureza com Galileu Galilei, Francis Bacon e Isaac Newton, o que gerou profundas mudanças na concepção de mundo. Além disso, marcos históricos, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, foram ocorrendo nos séculos XVIII e XIX e contribuindo para o desenvolvimento e a transformação da Ciência.

O momento é importante, pois nele há a ruptura entre senso comum e ciência moderna, onde cientistas estariam livres da subjetividade para se dedicarem exclusivamente à observação objetiva. A construção do conhecimento pela ciência moderna se dá em um contexto de edificação de uma nova sociedade, e esta, dita moderna, na qual se estrutura a partir de uma nova concepção de mundo, referenciada principalmente pelo advento do Renascimento e do Iluminismo (HISSA, 2002).

A partir desta ruptura, o pensamento cartesiano, que se torna o modelo de produção da Ciência, terá sua emergência com a concepção filosófica do Positivismo de Augusto Comte, e tal perspectiva surge na primeira metade do século XIX, em um momento histórico de inúmeras transformações tecnológicas e científicas, associadas à decadência do sentido metafísico e religioso do conhecimento, visto que, durante toda a Idade Média, a religião tornara-se a base para a explicação das questões do mundo.

Nessa perspectiva de produção do conhecimento pautada pela contribuição do Iluminismo, pelo discurso da razão do empirismo rigoroso e da objetividade, toda aquela produção no campo das ciências passa a experimentar uma ruptura entre subjetividade e objetividade. Nessa ruptura, "os cientistas estariam livres da subjetividade, dos infrutíferos "voos imaginativos", para se dedicar exclusivamente à observação objetiva." (HISSA, 2002 p.58) Assim, são definidos limites à imaginação na busca pela construção objetiva e rigorosa do conhecimento científico.

> Esse saneamento teria a finalidade de libertar o "homem de ciência" de sensações subjetivas, tais como o desejo, a poesia, a utopia, a necessidade de expressão artística. O indivíduo passaria, portanto a "observar cientificamente" o mundo. As emoções, que permeiam toda a trajetória de vida e de relações dos indivíduos com o mundo, seriam definidas – sobretudo pelos adeptos mais radicais da modernidade que se constitui e se propaga – como um campo de sensações que dificultam e obscurecem o ato científico objetivo e rigoroso, construindo um universo ilusório e ficcional que não conduz ao conhecimento reivindicado pela ciência. (HISSA, 2002, p.58)

Sob este paradigma ampliar-se-á a distância entre ciência e arte ocasionando impactos extremamente profundos no desenvolvimento das ciências humanas e sociais. Santos (2010), em "O discurso sobre as ciências", apresentará a problemática, demonstrando que o modelo moderno de fazer ciência não tolerará o senso comum, muito menos estudos humanísticos, conformando-se um modelo de racionalidade científica autoritário, assim privilegiando a base matemática e tendo como premissa a quantificação, na qual a complexidade do mundo vai reduzindo e levando a crer que "o conhecimento científico avança pela observação sistemática e rigorosa dos fenômenos naturais". (SANTOS, 2010, p.13)

Santos (2010) fará duras críticas a este modelo de ciência moderna, pontuando que ele pressupõe um mundo estático, com fenômenos naturais totalmente previsíveis por meio de leis da física e da matemática, sendo fundamentado por um determinismo mecanicista e configurando-se em um paradigma dominante.

A questão que problematizamos reside em observarmos a ciência dentro desses moldes e nos questionarmos se realmente ela consegue cumprir o projeto no qual se propõe: a objetividade e a imparcialidade. Acreditamos que essa certeza é ingênua, pois a relação entre o sujeito e o objeto é indissociável. Até que ponto realmente a ciência moderna é capaz de isolar toda a carga ideológica que perpassa o sujeito que a produz e que está contextualizado em um meio social, político e cultural?

A busca pela objetividade na produção da ciência não exclui do sujeito que a produz, sua capacidade de imaginação e criação, ao passo que, tomada como atributo equivalente à perspicácia e a articulação intelectual, a objetividade "certamente não exclui a imaginação, a poesia, a emoção, o sonho e outros atributos da construção, muitas vezes entendidos equivocadamente como danosos à produção científica." (HISSA, 2002, p. 60)

Dessa forma, o paradigma da ciência moderna excluiu e impossibilitou quaisquer diálogos da ciência com os campos da arte, porque promoveu a emergência de uma ciência dura, técnica, sem carne e osso. É certo que, como nos sinaliza Gomes (1996), desde o princípio da emergência da modernidade existiram propostas que se colocaram na contramão da ciência racional e dura, como a hermenêutica para as ciências sociais e a teoria científica anarquista. De acordo com Gomes (1996, p. 26), a modernidade:

> [...]constrói sua identidade muito mais sob a forma de um duplo caráter: de um lado, o território da razão, das instituições do saber metódico e normativo; do outro, diversas "contracorrentes", contestando o poder da razão e dos modelos e métodos da ciência institucionalizada e do espírito científico universalizante.

Todavia notamos que ao longo da história a perspectiva racionalista de ciência ganha relevo, se firma como um paradigma que vem sendo aplicado e discutido ao longo do tempo. Os paradigmas "adquirem seu status porque são mais bem sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves" (KUHN, 1997, p. 44). Contudo, é importante reconhecer as limitações que um paradigma pode apresentar, pois, na realidade, "ser bem sucedido não significa nem ser totalmente bem sucedido com um único problema, nem notavelmente bem sucedido com um grande número." (ibidem)

Dessa forma, concordamos com Santos (2010) quando sinaliza a necessidade de emergência de um novo paradigma que conceba nenhum conhecimento como desprezível e que estimule a interação dos mesmos. Estabelecendo duras críticas à ideia de que quanto mais específico o conhecimento, melhor seria a pesquisa e mais explorado assim, seu objeto, Santos (2010, p.46) afirma que essa forma de fazer ciência é altamente segregadora tornando o cientista um "ignorante especializado".

Nessa perspectiva há a busca pela superação do modelo matemático, cartesiano e positivista de fazer ciência, que reduz o conhecimento científico ao conhecimento dos objetos, não levando em consideração as relações com os sujeitos. Sobre objetividade e subjetividade, Santos (2010, p.52) pontua que "todo o conhecimento é autoconhecimento", criticando a cisão entre sujeito e objeto, visto que todo o ato de conhecer o objeto é um ato de autoconhecimento. Tendo isso, faz-se necessária a abordagem do homem integrado às partes de uma rede existencial, concebendo o saber científico como um saber que valorize as mais variadas experiências humanas, na qual a pesquisa esteja comprometida em estudar o objeto diretamente, mas o sujeito indiretamente.

Sobre a forma pela qual as ciências sociais são atravessadas pelo paradigma da ciência moderna, Santos (2010, p. 56) pontua:

> A ciência social sempre será essa ciência subjetiva e não objetiva como as ciências

> naturais, ela tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes das correntes das ciências naturais.

Pensando na construção da Geografia como saber científico, nos perguntamos: como ela se comportou frente a esta cisão entre sujeito e objeto ao longo do tempo? De que forma o paradigma de ciência moderna que objetifica e quantifica relações humanas interferiu na produção do conhecimento em nosso campo e na cisão entre Geografia e Arte? Quais foram as tensões e os limites que tal modelo gerou para a ciência geográfica?

É fato, para nós, que a possível associação entre Geografia e Arte não é nova, desde os mapas T.O. produzidos na Idade Média, o homem busca com o auxílio de diferentes linguagens representar o espaço. Quando analisamos o princípio da formação da Geografia como ciência, ficam claras as contribuições que o discurso geográfico recebeu da Arte.

A obra "O cosmos", de Alexander Von Humboldt, é um primeiro exemplo. Considerado "o pai da Geografia", esta produção é composta por relatos de viagem, descrição e distribuição das espécies, mesclando o olhar empírico do conhecimento científico com a contribuição da linguagem e experiência estética, a partir de pinturas e desenhos como o famoso diagrama do *Chimborazo*, uma ilustração realizada a partir de suas viagens à América e defendendo a ideia de uma lei universal para os fatos e fenômenos da Terra. Embora arte e ciência sejam campos distintos, é notório que a associação de tais linguagens é capaz de promover maior significação dos processos. Sobre a aproximação entre Geografia e Arte em "O cosmos", Ratzel (2010, P. 175.) afirma:

> Quando o velho Alexander von Humboldt não conseguia distinguir a observação artística da natureza da sua pesquisa sobre a natureza, de tal modo que ele justamente tomou a relação entre a fruição e o conhecimento da natureza como ponto de partida de sua descrição física do mundo.

As aproximações entre Geografia e arte não param em Humboldt. Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache também dedicaram esforços teóricos nesta interlocução. Ratzel em "sobre a interpretação da natureza", um texto de 1904, já afirmava sobre a insuficiência da ciência na compreensão da linguagem da natureza. Muitas vezes, a poesia e a arte tornam-se intérpretes mais compreensíveis da natureza do que a própria ciência. Nesta obra, Ratzel busca uma aproximação da Geografia com as artes naturalistas (poesia, pintura) como formas de ilustração de paisagens, e faz uma crítica ao Iluminismo e sua perspectiva racionalizante:

> Precisa-se alcançar a natureza através da arte, deve-se enxergar através do aprender, necessita-se sentir a emoção através da recriação, da vivência própria. Assim entendido, é uma bela ideia que o inverno de um iluminismo meramente racionalizante da ciência natural poderia ser expulso por uma primavera ensolarada de uma alegria da natureza e de uma aproximação amical com ela. (RATZEL, 1904, p. 158)

La Blache, por sua vez, publicará também em 1904 nos Annales de Géographie o texto "La géographie de l'odyssée", obra dedicada totalmente à relação entre Geografia e Literatura. O autor utiliza-se da tradução do poema homérico "A odisséia", realizada por Victor Bérard – arqueólogo, tradutor e comentarista francês – que, ao realizar o trabalho, buscou conferir ao poema um caráter histórico. La Blache, percebendo a potência dessa relação, escreve o referido artigo afirmando que a obra poderia indicar uma geografia do mundo mediterrâneo no período homérico e que as viagens de Ulisses se moviam em um fundo real, de forma que a obra literária seria capaz de promover aprendizados quanto à geografia e história da época.

> Ces recours au mythe et à la légende ne sont-ils pas un moyen aisé de condamner ce qu'un examen plus attentif du texte et de l'enchaînement des choses permettrait d'expliquer? Il faut faire la. part du merveilleux dans une oeuvre d'imagination; mais n'y atil pas un fond réel mème dans les paysages qu'anime et que personnine le génie du poète? (LA BLACHE, 1904, p. 23)

Contudo, ao longo do desenvolvimento da Geografia como ciência, esta possível relação de diálogo com a arte foi se tornando cada vez mais difícil de ser realizada, e isto se deu, principalmente, devido à inclusão do paradigma da ciência moderna na formatação da ciência geográfica. É certo que a necessidade de definição do campo e de obtenção dos moldes de rigor era evidente, todavia, em muitos momentos, a ciência geográfica caiu em moldes empiricistas, fragmentários e quantitativos, promovendo leituras de mundo carentes da inserção dos sujeitos.

A Geografia como uma ciência que desde o princípio buscou compreender o mundo e descrevê-lo, nasceu fortemente atrelada as artes. No entanto, buscando estabelecer um discurso científico moderno que estivesse alinhado ao contexto de um paradigma racionalista, vivenciou ao longo da história tensões e disputas principalmente quanto as metodologias de análise.

> A geografia foi desde a antiguidade responsável pela descrição e pela criação de uma imagem de mundo. Assim, enquanto descrição e imagem de mundo, o discurso geográfico procura, na modernidade, ser um discurso científico e moderno. Ele reproduz, assim, as características fundamentais da época e acompanha todas as suas modificações. A história da ciência geográfica pode, então, ser considerada como a história *imago mundi* da própria modernidade. (GOMES, 1996, p.28)

Moreira (2006) afirma que nos séculos XIX e XX teremos a emergência de uma Geografia fragmentária, pautada pela modernidade industrial, momento histórico que influencia diretamente a construção da Geografia como saber sistematizado, período este que corrobora com a emergência do paradigma dominante explicitado por Santos (2010). Pautada pelo modelo newtoniano-cartesiano de ciência, a Geografia passará a definir sua esfera de estudo pelo que é inorgânico, setorizando-se em grandes campos como a geologia, a geomorfologia e a climatologia.

A Geografia clássica pautou-se no positivismo transmutando esta visão empiricista e naturalista aos seus estudos, nos quais a descrição, enumeração e classificação dos fatos, juntamente com a máxima da existência de um único método de interpretação comum a todas as ciências, advindo dos estudos da natureza, tornou-se a principal perspectiva de análise. Essas bases promovem a naturalização dos fenômenos humanos e os dualismos que perpassam todo o pensamento geográfico tradicional (Geografia Física - Geografia Humana, Geografia Geral- Geografia Regional, entre outros segmentos) e que durante muito tempo foram princípios tomados como inquestionáveis.

Assim, influenciada pelo paradigma da ciência moderna, a Geografia como saber científico e institucionalizado encaminha-se a uma estrutura fragmentária, quantitativa e cada vez mais árida. No que diz respeito à concepção da natureza, ela é reduzida a uma esfera inorgânica, onde o homem, por sua vez, passa a ser externalizado, em uma abordagem na qual, inclusive, respaldará o modelo de produção capitalista, que tomará a natureza como recurso e o conceberá homem como mera força de trabalho. Dessa forma, nos remetemos a Santos (2010) quando afirma que o projeto de modernidade da ciência encontra-se a serviço do modelo de produção capitalista.

Tal modelo fragmentário da Geografia entrará em crise principalmente a partir das décadas de 1960 e

1970. Iimpulsionados também pela crise ambiental, diversos autores desenvolverão estudos criticando a Geografia teorético-quantitativa, o que se conformará em um importante momento na renovação, a partir do que se convencionou chamar de *segmento da Geografia crítica*. Yves Lacoste e Pierre George buscarão desenvolver uma Geografia pautada no materialismo histórico-dialético, e outros autores se referenciarão na fenomenologia dando um pontapé inicial na produção da Geografia cultural e humanista no Brasil - momento marcado pelos esforços de uma leitura crítica do espaço e que também priorizasse os sujeitos. A perspectiva do que se desenhou como geografia cultural e a Geografia humanista, com as respectivas contribuições de autores como Carl Sauer e Yi fu Tuan, promoveram esforços para a leitura das geografias dos sujeitos e aproximaram novamente o diálogo entre os diferentes campos da Arte e a Geografia.

Geografia e Literatura : tensões e aproximações

Vimos, até o momento, a forma pela qual o paradigma da ciência moderna influencia diretamente na produção científica da Geografia, gerando dificuldades em sua aproximação com a arte, no entanto, levantaremos agora as dificuldades de relação entre a Literatura - campo da arte no qual daremos enfoque – em relação à ciência geográfica, visto que nosso objetivo consiste em não encará-la apenas como um objeto, um recurso à serviço da Geografia, mas como um campo que necessita ser analisado caso desejemos de fato realizar uma aproximação coerente. Como já dito, as artes, dentre elas a Literatura, e a Ciência nascem plasmadas de um mesmo impulso inerente à condição humana : a imaginação. A Arte e a Literatura possuem um caráter fundamental, assim como uma necessidade à existência humana.

Segundo Mello e Souza (1972, p. 81), a Literatura possui uma força humanizadora, como algo que exprime o homem e depois atua em sua própria formação, exercendo certo tipo de função psicológica, onde, além disso, não consiste apenas na produção de obras, mas também como experiência humana. O homem necessita da ficção e da fantasia, e a "fantasia nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc."

Embora Literatura e ciência estejam intimamente relacionadas como experiência e como necessidade humana, ambas distinguem-se profundamente sobre *o que* e *como* pretendem comunicar aquilo que desejam. A Geografia busca a sistematização dos estudos pela via da abstração e da construção de conceitos, já a Literatura não possuirá esta preocupação, pois não objetiva responder às questões do mundo via experimentação, conceituação e rigor, ao contrário, objetiva a fruição. Cabe-nos ressaltar que mesmo que esta não seja uma preocupação da Literatura, isto não significa dizer que ela não pode conter em si saberes, e, nessa perspectiva, Barthes (1992, p.17) nos auxilia quando afirma que "a Literatura assume muitos saberes."

Sobre a Literatura, o autor afirma que ela "não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens" (Barthes, 1992, p.18). Nesse sentido, percebemos que o autor afirma que esta possibilidade existe, no entanto, fica claro que essa *possibilidade não é uma finalidade*, procurando sempre estabelecer uma autonomia da Literatura como manifestação artística.

Assim, entendemos que a Literatura, como um campo da arte, não objetiva responder às questões do mundo como faz a Geografia, no entanto, isso não quer dizer que ela não possa frequentemente fazer boas perguntas ao mundo, interrogá-lo e questioná-lo. Sobre a possibilidade de representação do mundo na Literatura, Barthes

recorre ao estruturalismo, corrente na qual esta questão foi bastante discutida:

> Vê-se, pois, por que é necessário falar de atividade estruturalista: a criação ou a reflexão não são aqui "impressão" original do mundo, mas fabricação verdadeira de um mundo que se assemelha ao primeiro, não para copiá-lo, *mas para o tornar inteligível***.** (BARTHES, 1992, p.51 grifo nosso.)

Assim, embora distintas (Literatura e Geografia) há em Barthes a percepção de que a Literatura é capaz de auxiliar na inteligibilidade dos fenômenos do mundo e é neste ponto que a interlocução entre essas é possível.

Ao analisar tanto o campo da Geografia como ciência quanto às questões referentes à Literatura, entendemos que desenvolver a aproximação entre ambas não é tarefa simples, pois temos aqui dois campos que realizam leituras de mundo por óticas distintas, que apresentam objeto, métodos e intencionalidades antagônicas. Segundo Lévy (1997, p. 30), o propósito da Literatura é a escrita da condição humana no mundo, o mundo da Literatura é um mundo construído onde o imaginário e o real se esbarram, não sendo o mundo objetivo da ciência, recortado, medido e descrito.

> L'on me rétorquera que ni l'objet, ni les méthodes, ni l'intentionnalité ne sont semblables en littérature et en géographie, et l'on aura partiellement raison. L'objet de la littérature, c'est l'écriture de la condition humaine dans le monde, un monde conçu non pas comme un ensemble géographique continu, borné, à échelle constante, mais dessiné par l'auteur pour les besoins de sa cause, de sa problématique, qui inclut aussi ses bornes, ses limites et ses transgressions. C'est un monde construit, ou reconstitué, où l'imaginaire et le réel se côtoient, ce n'est pas le monde objectivé de la science, découpé, mesuré, décrit et articulé selon des méthodes et des intentions explicites.

Este mundo construído pela Literatura onde o real e o imaginário se embarram converte-se em terreno fértil para a Geografia, permitindo que, através desta relação, os aspectos do mundo, explicados pela via do conceito e da linguagem científica, possam se tornar melhor compreendidos através da contribuição da Literatura. De acordo com Moreira (2008), a Literatura faz sua leitura de mundo privilegiando a linguagem do espaço simbólico, enquanto que a ciência opta pela linguagem do espaço real e acaba menosprezando a primeira, acusando-a de subjetivismo. Sobre a mediação entre o simbólico e o real, o autor problematiza:

> [...]o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua pletora de significados. Interpretando o mundo pelo simbólico a literatura apenas se aproveita do que a ciência menospreza, na insuspeição com que esta despreza precisamente o fato de que a história é uma construção do sujeito homem. (MOREIRA, 2008, p.145)

Assim, a vida humana é carregada pela apropriação simbólica dos elementos constituintes do real, já a Literatura, por sua vez, é capaz de expressar paisagens e a interioridade subjetiva através dos personagens, contribuindo, assim, para tornar melhor compreensíveis temáticas extremamente caras à Geografia. Sobre esta relação, Ruy Moreira (2008, p. 145), discorrendo acerca da potencialidade do romance regionalista "vidas secas" de Graciliano Ramos, afirma: "no simbolismo da fala, o semiárido objetivo da paisagem externa é a angústia, opressão, a expulsão do homem da realidade social na paisagem interna e subjetiva do espírito." As vivências subjetivas dos personagens associadas às paisagens descritas promovem uma associação entre espaço interno e externo que "se fundem e se confundem, porque se lêem mutuamente, identificando a unidade objetivo subjetiva das contradições da existência (des)humana do sertanejo." (Ibidem)

Todavia, até que ponto conseguimos trabalhar um texto literário em interlocução com a Geografia? Acreditamos que existem alguns fatores que fundamentais. O primeiro deles corresponde à capacidade da Literatura ser capaz de indicar e tornar inteligível, aspectos que são caros à Geografia; o segundo corresponde à apreensão

metodológica que a Geografia fará com a Literatura, sendo este um aspecto que discorreremos na próxima seção.

A primeira questão na realidade se desdobra em mais duas que se assemelham, mas que não são idênticas, onde nos questionamos sobre até que ponto poderemos relacionar com a realidade um texto literário, além de nos perguntarmos sobre o quanto um texto literário pode produzir uma leitura do real. Sintetizando esse pensamento, as questões seriam: O que é verdade e o que é uma representação da verdade nesta relação entre a Geografia e a Literatura?

Em geral, permeados pelo peso histórico adquirido através do paradigma da ciência moderna, somos conduzidos a pensar que a produção do conhecimento científico, em nosso caso, a produção do conhecimento geográfico, corresponde ao único discurso verdadeiro e irrefutável, enquanto os discursos da arte e da Literatura, por não serem submetidos a moldes de rigor da ciência, correspondem a um discurso subjetivo, falso e sem validade.

Acreditamos que cada discurso atende a uma finalidade e se constrói dentro de moldes que os definem, mas ao mesmo tempo os limitam. O discurso científico possui um limite imposto pelo próprio rigor da ciência, pois a linguagem da ciência não á acessível a todos os sujeitos, e além disso, é necessário problematizar o fato de que a ciência não consiste em uma verdade absoluta e irrefutável, visto primeiro que seu próprio desenvolvimento histórico destrói narrativas e teses que anteriormente eram consideradas verdade – o mundo geocêntrico ficou para trás. Além disso, a ciência não possui uma linguagem neutra, ela atende a uma intencionalidade, de forma que dados matemáticos e científicos por vezes são tratados segundo determinadas finalidades, algumas delas buscando corroborar com dado projeto de poder.

A Literatura, por sua vez, também tem um limite, e este diz respeito ao fato de que ela é uma arte, e, sendo também uma criação/produção humana, mesmo com seus horizontes amplos, possui limites em seu dizer. Afinal, nem todo leitor alcança toda Literatura, logo, o limite da sua comunicação está em elementos intrínsecos a ela, mas também na relação com o outro. Todavia, a liberdade do discurso da Literatura - liberdade na qual a Ciência não possui - permite que ela realize leituras de mundo, de paisagens, de subjetividade, que a Geografia não faz, e isso nos demonstra que a Literatura diz verdades que a Ciência/Geografia não alcança.

Não pretendemos aqui hierarquizar ambas no sentido de dizer qual delas é capaz de expressar de forma mais "correta" a captação do real, mas sim entender que, mesmo atendendo a padrões diferentes de composição, tanto Geografia quanto Literatura, podem expressar uma leitura de mundo. "Simplesmente, são modos diferenciados de referenciar e mediatizar o mundo experenciado por meio do corpo, de exprimir intelectualmente o imediato e, assim, de pela fala dele, ganhar conhecimento e consistência." (MOREIRA, 2008, p.149) Talvez essa diferença seja a maior riqueza presente na aproximação entre Geografia e Literatura.

> A literatura não é, assim, alheia à realidade humana, e se dela fala com a linguagem subjetiva do signo, nem por isso dela fala menos como realidade que a ciência. São falas sobre o mundo tanto o discurso da literatura quanto o da geografia, da história, da sociologia, da química, da física ou da psicologia, todos eles não sendo mais que modos de interpretação-representação do real. (MOREIRA, 2008, P.146)

Nesse sentido, Bertrand Lévy apresenta que se procurarmos entender a mensagem da essência literária,

iremos perceber que a Literatura, sob objetivos cientificamente não declarados, pode apresentar tanta objetividade, veracidade e rigor quanto um discurso aparentemente científico e objetivo, e que pode haver tanta verdade ou falsidade, tanto em uma linguagem (literária) quanto na outra (científica);

> [...] le corpus littéraire possède un contenu géographique assez riche pour que le géographe y trouve matière à enseignement. Si l'on cherche à saisir l'essence du message littéraire, l'on s'apercevra que la littérature, sous des objectifs scientifiquement non déclarés, peut receler autant d'objectivité, de véracité et de rigueur qu'un discours apparemment scientifique et objectif sous lequel se dissimulent parfois l'arbitraire et la prise de décision intellectuelle singulière. L'on a tendance à croire, dans notre société, davantage aux vertus des chiffres qu'à celles de la poésie; il peut y avoir autant de véracité ou de fausseté dans l'une ou l'autre forme de langagem. (LÉVY, 1997, p.30)

Moreira (2008, p.149) também estabelece uma proposição semelhante quando, discorrendo sobre os romances regionalistas, afirma que eles podem narrar "com a mesma riqueza e objetividade da ciência, o movimento das formas do mundo, o devir como estado de realidade" enquanto que a Ciência pode descrever "o fenômeno com mesma riqueza de subjetividade do romance", e finaliza afirmando que "desde a física relativista de Einstein tudo depende do ponto de referência do olhar".

Vamos agora à segunda questão: Até que ponto um texto literário é capaz de representar o real ou torná-lo inteligível? Não é possível responder a ela sem debruçar nossos esforços teóricos sobre o campo da teoria literária, a questão da representação da realidade na Literatura é tratada a partir da contribuição da *mimèsis* (mimese ou mímesis).

A *mimèsis* é o termo mais geral e corrente sob a qual se conceberam as relações entre Literatura e realidade. Trata-se de um conceito caro à teoria literária e que se desdobra na forma pela qual se analisa a Literatura. A noção de *mimèsis* está presente originalmente ao longo de toda a obra "A poética" de Aristóteles (2008, p.37), livro que consiste em notas de aula ministradas pelo seu mestre Platão. O termo *mimèsis* – proveniente do grego - significa imitação, de forma que "a poética e a arte seriam uma imitação do real ou um reflexo da realidade". "A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto: imitações."

> Assim como uns imitam muitas coisas, reproduzindo-as (por arte ou por experiência) através de cores e figuras, e outros através da voz, assim também, nas artes mencionadas, todas realizam imitação por meio do ritmo, das palavras e da harmonia, separadamente ou combinadas.

Aristóteles afirma que a imitação é uma condição natural ao homem, todavia a relação da ideia de *mimèsis* com a arte sempre foi motivo de significativos debates, pois, mesmo em sua gênese, não há uma unanimidade. Pereira (2008, p.10) comenta no prefácio de "A poética" que Platão chega a condenar a *mimèsis* e, consequentemente, a poesia.

> [...]de acordo com o plano educativo para a cidade ideal, o autor condena sucessivamente as imitações de tudo o que não for perfeito, e termina por declarar que a *mimesis* está três pontos afastada da natureza, logo, distante da verdade. O desfecho desta argumentação conduz a um dos passos mais célebres do diálogo: a condenação da poesia.

No que tange aos debates da teoria literária, Compagnon (2010, p.106) demonstra o quanto o tema foi discutido e combatido. As tendências mais modernas na teoria literária entraram em conflito com a *mimèsis* e com o realismo, afirmando que o segundo não seria um reflexo da realidade, "mas um discurso que tem suas regras

e convenções, como um código nem mais natural nem mais verdadeiro que os outros." A Literatura foi sendo colocada como autônoma frente à realidade, ao passo que não deveria ser uma cópia ou representação do real.

> Mas a *mimèsis* foi questionada pela teoria literária que insistiu na autonomia da literatura em relação à realidade, ao referente, ao mundo, e defendeu a tese do primado da forma sobre o fundo, da expressão sobre o conteúdo, do significante sobre o significado, da significação sobre a representação, ou ainda, da *sèmiosis* sobre a *mimèsis.* Com a intenção do autor, a referência seria uma ilusão que impede a compreensão da literatura como tal. O auge desta doutrina foi atingido com o dogma da autorreferencialidade do texto literário, isto é, com a ideia de que "o poema fala do poema" e ponto final. (COMPAGNON, 2010, P.93)

Em sua obra, Compagnon (2010, p.111) fará um resgate das correntes na teoria literária que serão a favor e contra a *mimèsis*, uma conforme "a tradição aristotélica, humanista, clássica, naturalista e mesmo marxista" que tem por finalidade representar a realidade, e outra segundo a tradição mais moderna da teoria literária, onde "a referência é uma ilusão, e a Literatura não fala de outra coisa senão de Literatura." Assim, no campo da teoria literária, o tema referente a quanto um texto literário pode carregar o realismo é extremante debatido. Barthes, por exemplo, buscará firmar a Literatura como não possuindo necessariamente um referente no real, afirmando que a obra trabalhada e criada é um produto ambíguo do real.

Fazendo um paralelo com a Geografia, notamos que ela também padece percalços quanto à questão a representação. A Geografia, desde a sua gênese, teve por objetivo realizar uma leitura de mundo e do real. Para realizar essa grafia, escrita, leitura e representação do mundo a Geografia recorreu às artes, principalmente à pintura e à mediação entre ciência e arte promovida pela cartografia.

No campo da Geografia vale destacar as contribuições do campo humanista, tendo como precursor a obra "O homem e a Terra" de Eric Dardel (2015, p. 33). O autor concebe que a realidade geográfica é a do mundo vivido e constrói uma narrativa com contornos poéticos, para ele "a geografia não é de início um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um objeto", mas entende que a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente e que a realidade geográfica se materializa através da experiência e dos lugares que os homens experimentam e firmam sua existência.

É importante ressaltar a distância temporal de quase 60 anos que separa a publicação do texto original em francês pelo autor (1952) e a publicação da primeira versão do texto em língua portuguesa, realizada apenas no ano de 2011 pelo professor Werther Holzer. Acreditamos que essa distância interferiu de certa forma no aprofundamento do debate, de forma que ainda hoje a questão do método de análise, bem como a perspectiva no interior da Geografia utilizada para realizar a aproximação entre Geografia e Literatura, é campo de disputas.

A questão que se coloca repousa na mediação entre Geografia e Arte e no que elas podem fazer entre o real e o sujeito cognoscente. A partir do momento em que há a busca em representar o real, a fim de que ele se torne inteligível, seja essa representação realizada através da pintura, da Literatura, dos mapas ou na própria ciência, enfrentaremos problemas, pois é impossível representar a totalidade do real de forma fidedigna sem que existam distorções. Eu penso que seu enfoque fica mais no campo da mediação que, tanto arte quanto ciência podem fazer entre o real e o sujeito cognoscente.

A cartografia, por exemplo, submete-se a modelos matemáticos na busca por se aproximar ao máximo de uma representação de mundo, onde essa representação não é o mundo. Sempre, independente dos critérios matemáticos e das projeções escolhidas, haverá distorções, todavia o fato de existirem distorções não desqualifica

a capacidade de a cartografia realizar uma representação que promova uma leitura de mundo que se aproxime do real, desenvolvendo o aprendizado das espacialidades naquele que se propõe a ler o mapa.

É claro que, quando comparamos a cartografia tradicional com a Literatura, estamos cientes de que falamos de ciência e arte. A cartografia, como ciência, realiza seu produto – o mapa – de acordo com critérios matemáticos e projeções, uma vez que a Literatura, como produto artístico, atende à necessidade de fruição. Todavia o que buscamos sinalizar é: no que tange à questão da representação, tanto ciência como arte experimentarão dificuldades, visto que uma representação nunca será fiel ao real; será sempre uma demonstração que torne o mundo inteligível e que promoverá uma leitura do real por parte do sujeito que entra em contato com o mapa ou com o texto literário.

Ressaltamos que esse tensionamento a respeito da representação foi sinalizado por Besse (2006, p.87), tendo a Geografia uma possível saída através do método fenomenológico:

> A noção de *espaço vivido* e, bem mais amplamente, a de *representação*, conduziram a geografia a uma flexibilização considerável das suas concepções de espaço, e foi preciso que a geografia reconhecesse como legítimas as práticas e as representações cotidianas. A geografia contemporânea teve que reconhecer que as frequentações comuns do espaço põem em ação significações originais irredutíveis à ordem das construções teóricas. O ponto de vista fenomenológico encontrou então um eco epistemológico no próprio domínio da geografia, que contribuiu para renovar, alargar e de fato dar mais complexidade às análises geográficas do espaço.

Dessa forma, quando analisamos um texto literário, entendemos que não é possível desconectar totalmente o mundo, a sociedade, as contradições, as correntes estéticas e literárias vigentes da prática do autor que produz um texto literário. Balzac procurou expressar em sua obra que as contradições da sociedade burguesa em ascensão na França estabeleceram seu referente no real, no conteúdo, e sua escrita realista, ao mesmo tempo ficcional, atendia a uma intencionalidade de denúncia legítima. Outros autores, de tendências mais modernas, buscarão os referentes no próprio texto não recorrendo a nenhuma representação ou demonstração do real, apenas buscando a pura fruição do mundo ficcional, pois "acreditam numa certa *autorreferencialidade* da literatura, num textualismo intransitivo, numa imanência do texto, cisto como sistema autotélico." (JOBIM, 1999, p. 210)

Todas estas são correntes diferentes dentro da teoria literária, todavia identificá-las não significa negá-las. Além disso, dar o direito aos autores construírem suas obras literárias com liberdade é fundamental, uma vez que não podemos chegar ao ponto de amordaçar a prática criativa e literária segundo critérios estéticos. Compagnon (2010, p.123. Grifo nosso), sobre esse denso debate no campo da teoria literária a respeito da mimèsis e do realismo na Literatura, busca uma posição de mediação:

> Assim, reintroduzir a realidade em literatura é, uma vez mais, sair da lógica binária, violenta, disjuntiva, onde se fecham os literatos – ou a literatura fala do mundo, ou então a literatura fala da literatura -, e voltar ao regime do mais ou menos, da ponderação, do aproximadamente: o *fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo*. Afinal de contas, se o ser humano desenvolveu suas faculdades de linguagens, é para tratar de coisas que não são da ordem da linguagem.

Assim, as obras ficcionais podem também falar sobre o mundo e nos permitir realizar uma análise social, histórica e geográfica de um texto literário, sempre fazendo isso dando à Literatura seus devidos créditos: sua liberdade de ser arte. Se coloca aqui um debate no campo dos limites entre o real e o ficcional.

> O grau de dependência em relação aos recursos do real afeta a maneira de perceber e definir no âmbito da ficção. O *mundo ficcional* é criado (e visto) a partir dos limites do *mundo real.* Um texto é considerado "realista" porque constrói um mundo que é, de alguma forma,

> visto como análogo a ou *derivado do mundo real*. Em outras palavras: é exatamente este caráter analógico e derivativo que acaba sendo a característica básica atribuída aos textos "realistas". (JOBIM, 1999, p. 210)

A questão que se coloca e que é a nossa preocupação, quando procuramos aproximar Geografia e Literatura, é o fato de que é necessário fazer a análise do texto, visto que "as classificações de textos apontam para vários graus de *realismo* que podem ser atribuídos a estes textos, de acordo com as noções de real vigentes no contexto em que se processam essas atribuições." (JOBIM, 1999, p. 210)

Desde Mello e Souza (1972) e Lukás (1965) temos a sinalização das diferenças entre as correntes estéticas na Literatura, dizendo que muitas delas, inclusive as de inspiração marxista entenderão a Literatura, sobretudo, como uma forma de conhecimento mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. A grande contribuição de Mello e Souza está no fato de compreender que estas três proposições são verdadeiras: A Literatura é uma forma de conhecimento; é expressão e é uma construção semiológica autônoma, sendo a grande questão analisar o texto e determinar qual desses aspectos é dominante e mais característico na produção literária na qual nos debruçaremos nos estudos em Geografia.

Assim, entendemos que a Literatura, como produção artística, não tem por finalidade ser referenciada em seu conteúdo no real, porém isso não significa dizer que ela não pode demonstrar o real através de diferentes níveis de realismo construídos pelo narrador em sua obra. Concordamos com Barthes (1992, p.21) quando entendemos que o real pode ser "demonstrável" na Literatura e que esta é capaz assumir muitos saberes históricos e geográficos. Nessa demonstração, o leitor é capaz de, através da Literatura, mediar questões em seu próprio mundo real. Esta é uma das maiores qualidades da literatura, como nos sinaliza Jobim (1999, p.207):

> No caso da literatura, uma de suas qualidades mais apontadas é a capacidade de criar novos horizontes, de prover acesso a uma versão de mundo que vai além da que conhecemos. A vivência do *poder-ser* de mundos ficcionais e a apreensão dos interesses, objetivos, projetos e quadros de referência destes mundos pode alargar o horizonte do ser-dado, do nosso mundo conhecido.

Assim, entendemos que o texto literário pode conter níveis diferentes de realismo, visto que "como arte do dizer na forma da palavra escrita, a literatura é, também, uma voz sobre o real." (CHAVEIRO, 2015, p.44), e que "por meio da palavra, desenvolve imagens e representações cujo dever é gerar uma ação estética sobre o mundo." (ibidem) Essa produção de imagens e representações que a Literatura é capaz de desenvolver, facilita as análises em Geografia, pois na maioria das vezes os textos acadêmicos não são capazes de ofertar significação desta qualidade.

A partir do texto ficcional em interlocução com a Geografia, o leitor é capaz de intermediar o mundo ficcional da Literatura com a sua realidade vivida, promovendo a criação de imagens, a significação, a sensibilidade e o maior entendimento do mundo. Por fim, mais uma vez reforçamos o fato de que a Geografia consiste numa ciência que necessita dialogar com outras formas de linguagem para construir as imagens e significações do mundo, consistindo em um "dizer múltiplo" (CHAVEIRO, 2015, p.41), que é feito não somente de textos científicos, mas também de mapas, gráficos, ensaios e obras literárias. Através desta associação de linguagens está a potência de compreensão dos fenômenos do mundo pois "ao alargar o modo geográfico de dizer, igualmente estamos alargando o modo de ver." (CHAVEIRO, 2015, p. 49)

O dialogismo entre Geografia e Literatura

De forma geral, notamos que quando são realizadas análises de textos literários em Geografia, há a tendência de o texto ser utilizado a serviço da ciência geográfica como um procedimento metodológico para a análise de algum conceito ou alguma categoria específica na qual o pesquisador deseje desenvolver. Notamos que o texto literário pode se tornar um mero recurso, o que promove uma leitura da Literatura técnica e objetiva, atitude esta que acreditamos se configurar em uma violência ao texto literário, pois, fazendo isso, "amordaçamos" a Literatura e tiramos dela sua potência e liberdade, seu caráter artístico fundamental.

Marc Brosseau (2007) traz profundas contribuições a respeito da relação entre Geografia e Literatura. Discorrendo sobre a possibilidade de interlocução do gênero romance com a Geografia, apresenta uma proposta de conceber a Literatura como um sujeito, partindo de uma perspectiva dialógica, abordagem esta que se ancora em Bakhtin.

Mikhail Bakthin (2020, p. 118) em "os gêneros do discurso" posiciona-se frente a uma linguística tradicional na qual o ouvinte limitava-se a ouvir, nunca desempenhando função de falante. Em toda a concepção "bakhtiniana", a linguagem humana é vista sob um prisma dialógico, pois, segundo o autor, independente do gênero, quaisquer discursos suscitam o diálogo, visto que "todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do processo de intercâmbio de ideias: é social". Sendo assim, todo o enunciado - que corresponde à unidade primária do discurso, se compõe em suas modalidades que se associam à função e à relação. "Há modalidades de enunciados segundo a função (o discurso cotidiano, o científico, o ficcional, etc.), e modalidades segundo a relação com o ouvinte: o diálogo, o monólogo e o relativismo dos dois". (BAKHTIN, 2020, p. 115).

Partindo dessas contribuições de Bakhtin, Brosseau busca realizar um esforço de método propondo a não objetificação da Literatura e o estabelecimento na relação com a Geografia de um método dialógico que a concebe como sujeito passível de diálogo.

> A ideia de diálogo parece surgir da constatação: eu, enquanto geógrafo (no interior das ciências humanas), e o romance (no interior da literatura) constituímos duas esferas autônomas, duas totalidades, até mesmo dois sujeitos; somente um "método" dialógico pode fazer com que se comuniquem. (BROSSEAU, 2007, p.89)

Nessa perspectiva dialógica, a busca não é encontrar conceitos geográficos dentro da Literatura, mas compreender que a Literatura tem algo a dizer e que só pode dizer porque é o que é: livre. Dar autonomia à Literatura é compreender que ela pode nos dizer algo sobre o mundo e sobre os sujeitos a seu modo, este que é diferente da forma pela qual a ciência geográfica lê o mundo. Dialogicamente elas podem promover níveis de leitura de mundo mais profundos.

> O diálogo não é senão outra estratégia que permite que o geógrafo entre em contato com o romance, interrogando sua própria relação com a linguagem e a escritura graças a um encontro com esse outro, sem procurar assimilá-lo. Colocar o romance como sujeito, como "totalidade", não significa dizer que ele é impermeável para nós, e sim que ele tem uma maneira própria (e isso pode ser verdadeiro para cada romance particular) de produzir sentido, uma coerência de sentido que *resiste* aos mais sutis esforços do analista para transformá-lo em objeto. (BROSSEAU, 2007, p. 89. Grifo nosso)

Sendo assim, a Literatura resiste. Ela não permite ser amordaçada, porque não lê o mundo e responde às questões do mundo da mesma forma que a Geografia, ao contrário, ela nos oferta, nos "presenteia" uma

leitura de mundo a partir do artista. Ao realizar análises entre Geografia e Literatura sob a perspectiva dialógica, conseguiremos receber as contribuições da arte, visto que seremos capazes de ouvi-la, entrar em contato íntimo com ela através do diálogo, haja vista que "o interesse por uma relação dialógica reside na sua vontade de reconhecer o outro enquanto outro, isto é, a recusa de transformá-lo em objeto, de homologá-lo" (BROSSEAU, 2007, p.81). Assim, receberemos as contribuições que só o seu dizer cálido podem promover, e, nessa interlocução, um canal de trocas, percepções e significações se abre, no qual os dizeres de ciência e arte se associam e se complementam.

Assim, torna-se importante que nós, pesquisadores e pesquisadoras em Geografia, dediquemos atenção e zelo ao tomar o discurso literário em nossas análises, sendo o principal cuidado o ato de não "amordaçar" a Literatura como um objeto de análise que busque ler o mundo segundo os moldes de ciência geográfica. Para nós, a forma verdadeiramente enriquecedora de aproximação entre o discurso geográfico e a Literatura diz respeito a tomar a segunda como um sujeito. A Literatura como um sujeito que fala a seu modo, resguardando exatamente assim a sua riqueza. Um dizer que se difere do científico, mas que é sensível e potente, onde diz sem "dizer" que sabe. Dessa forma teremos uma interlocução entre Geografia e Literatura mais rica, respeitosa e significativa.

Considerações finais

Entendemos que a Geografia tem por objetivo situar os sujeitos no mundo. Segundo os princípios de síntese do geográfico, busca compreender a localização, distribuição e espacialidade dos fenômenos. O ofício do geógrafo consiste em auxiliar a inteligibilidade do mundo - mundo este construído na interrelação entre sujeitos e espaço, composto por diferentes formas de comunicação e múltiplas linguagens. O mundo não cabe nas palavras, mas ele pode ser explicado, mensurado, significado através dessas múltiplas linguagens.

A linguagem científica da Geografia corresponde a uma forma de leitura e apresentação do mundo, o que não significa dizer que essa forma de linguagem seja sozinha a única capaz de torná-lo inteligível. O cientista precisa ter a consciência do objetivo principal que direciona sua produção intelectual, que é, de fato, trazer à luz do conhecimento os fenômenos. Para tanto, entendendo os limites do discurso científico, é necessário inserir na análise as múltiplas linguagens que direcionem aqueles que entram em contato com a ciência geográfica em um nível de compreensão de totalidade dos fenômenos.

A ciência geográfica, na busca por representar o espaço, criar imagens mentais e promover a leitura dos fenômenos, recebeu a contribuição da linguagem das artes, dentre elas a Literatura e a Pintura. No entanto, com o peso do paradigma da ciência moderna, além da necessidade de produzir um conhecimento ancorado no positivismo, experimentamos o "endurecimento" de nosso campo fazendo com que muitas vezes desenvolvêssemos análises de uma ciência sem homens e sem a possibilidade de interlocução com outras linguagens.

Sobre a Literatura, podemos dizer que ela não se submete a tais procedimentos de rigor, não possui um compromisso com a verdade, no entanto, isso não quer dizer que ela não possa promover uma leitura de mundo perpassada por valores de verdade. O fato de a arte não necessitar se "engessar" sobre um rigor de método, faz com que ela possa apontar, a seu modo, verdades que a Ciência não alcança.

Assim, entendendo os limites e as possibilidades desses discursos, acreditamos que a aproximação da Geografia em estudos associativos com a Literatura não deve objetificar e "amordaçar" o texto literário em seu sentido fundamental que é a fruição, mas estabelecer uma relação dialógica que entenda a potência existente na associação dos discursos e suas ricas contribuições às leituras geográficas de mundo.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1ª ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Editora 34, 2020.

BARROS, Manoel de. **O livro sobre o nada**. 3ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

BARTHES, Roland. Aula. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.

BROSSEAU, Marc. **Geografia e Literatura**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos**. Geograficidade, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A Mobilidade das Fronteiras – inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2002.

JOBIM, José Luis. **A ficção dos limites e os limites da ficção**. In: Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Gomes. org. Hans Ultich Gumbrecht, João Cezar Castro Rocha. – Rio de Janeiro: Record, 1999.

KHUN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. Ed. São Paulo : Editora Perspectiva S.A, 1997.

LA BLACHE, Paul Vidal. **La Géographie de L'odyssée**. In: Annales de Géohraphie. Paris: Librairie Armand Colin, 1904.

LÉVY, Bertrand. **Géographie humaniste, géographie culturelle et littérature**. Position épistémologique et méthodologique. In: Géographie et cultures, 1997, vol. 21, p. 27-44.

LUKÁCS, Georg. **Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARCONDES, Danilo. e JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MELLO E SOUZA, Antônio Candido. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. n° 9, vol. 24, São Paulo, 1972.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Prefácio. In: Aristóteles. **A Poética**. Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2008.

RATZEL, Friedrich. Sobre a **Interpretação da Natureza [Über Naturschilderung]**. Revista GEOgraphia, Vol. 12 n°23, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

NOTAS

[1] Comte começou a desenvolver a ideia de que os métodos das Ciências Naturais deviam e podiam ser entendidos aos estudos das questões humanas, e que os fenômenos humanos podiam ser classificados e medidos. A manifestação da filiação positivista se encontra na "redução da realidade ao mundo dos sentidos", circunscrevendo o trabalho científico "ao domínio da aparência dos fenômenos." Dessa forma, segundo a perspectiva positivista, o estudo científico dos fenômenos deve "restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria um mero observador." (Moraes, 2007, p. 39)

[2] "Essas crenças no mito e na lenda, não são elas um meio conveniente de condenar o que uma análise mais atenta do texto e do encadeamento das coisas permitiria explicar? É necessário fazer a parte do maravilhoso em uma obra de imaginação; mas não tem ela um fundo real mesmo nas paisagens que animam e personificam o gênio do poeta?"

[3] "Doutrina filosófica que considera a noção de estrutura fundamental como conceito teórico e metodológico. Concepção metodológica em diversas ciências (linguística, antropologia, psicologia, etc.) que tem como procedimento a determinação e a análise das estruturas." (MARCONDES; JAPIASSÚ, 1991, P. 90);

[4] "A réplica é que nem o objeto nem os métodos, nem a intencionalidade são semelhantes na literatura e na geografia, e teremos parcialmente razão. O propósito da literatura é a escrita da condição humana no mundo, um mundo concebido não como um conjunto geográfico contínuo, limitado à uma escala constante, mas desenhado pelo autor para as necessidades de sua causa, sua problemática, que também inclui seus terminais, seus limites e transgressões. Este é um mundo construído ou reformado, onde o imaginário e o real se esbarram, não é o mundo objetivo da ciência, recortado, medido, descrito e articulado segundo os métodos e as intenções explícitas."

[5] "...o corpus literário possui um conteúdo geográfico bastante rico para que o geógrafo encontre matéria suficiente para ensinar. Se alguém procura entender a essência da mensagem literária vai perceber que a literatura, sob os objetivos cientificamente não declarados, pode abrigar tanta objetividade quanto veracidade de rigor quanto um discurso aparentemente científico e objetivo sob o qual, por vezes, se dissimulam o arbitrário e a tomada de decisão singular e intelectual. Nós tendemos a acreditar em nossa sociedade, em virtude dos números mais do que os da poesia; pode haver tanta verdade ou falsidade em uma como na outra forma de linguagem."

[6] BARTHES, R. O Efeito do real. In: Literatura e semiologia: perspectivas semiológicas. Org: Genette, G, et al. Ed. Vozes. Petrópolis, 1972.